

*Texto, leitura e leitor no meio digital: novos
letramentos*

*Text, reading and reader in the digital environment:
new literacies*

Ieda Márcia Donati Linck¹
Odete Teresa Sutili Capelesso²

“Já que se há de escrever que, pelo menos, não se
esmaguem – com palavras– as entrelinhas”.

Clarice Lispector

RESUMO: Com o surgimento dos novos suportes e estruturas para o texto escrito, pesquisadores do livro e da leitura têm se ocupado em discutir as implicações dessas mudanças para o ato da leitura. Na concepção de Roger Chartier, “leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...]. Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor”. (1999, p. 77). As novas materialidades do texto digital que pressupõem novas relações estéticas e cognitivas com o universo textual modificam a concepção de leitura apresentada por Chartier? Este estudo se propõe a discutir a estrutura do texto (hipertexto) no suporte da tela e as implicações de sua leitura, na tentativa, não de responder, mas talvez de elucidar essa pergunta.

Palavras-Chave: Hipertexto. Texto. Leitura. Leitor.

¹ Doutora em Letras/ UFSM. Bolsista Capes pelo PDSE – Aveiro- Portugal. Mestre em Linguística/UPF. Membro do GEL e GPEHP/Unicruz e LALE/UA-PT. Coordenadora do Proenem/Unicruz. E-mail: imdlinck@gmail.com.

² Mestre em Letras/UPF. Especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação/UFSM. Professora de Literatura no Proenem/Unicruz. E-mail: ocapelesso@hotmail.com

| | | | | | |
|--------------------------------|-------------------------|-------|-------|--------------|---|
| Revista Língua & Literatura | Frederico Westphalen | v. 17 | n. 30 | p. 115 - 131 | Recebido em: 20 nov 2015. Aprovado em: 22 dez. 2015. |
|--------------------------------|-------------------------|-------|-------|--------------|---|

1 Hipertexto e leitura: espaço de associações e produção de sentidos

Seria viável pensar que a concepção da “obra aberta”, de Umberto Eco, como um universo textual sempre inacabado se realizaria, intuitivamente, no hipertexto? E mais, os vazios, prefigurados por Iser, inscritos no texto para estimular a atividade participativa do leitor poderiam ser preenchidos pelas infinitas opções de *links* e conexões da rede hipertextual?

A leitura literária nunca foi linear, como defende Butlen:

Encontramos la misma idea de relacionamientos, de lazos, de conexiones en esa área, así como en el área de la literatura. Quiero señalar el hecho de que podríamos discutir la cuestión de la linealidad, el texto literario generalmente es lineal, pero la lectura es otra circunstancia, no es necesariamente lineal. Como ya destaco el escritor Michel Montagne, se puede hacer la lectura “a los saltos y a las volteretas” (2010, p. 142).

Tampouco, a leitura literária foi pensada, pelo menos a partir da Estética da Recepção, como uma recepção passiva. Ao contrário, os estudos dessa corrente postulam a participação ativa do leitor, pressupondo uma relação dinâmica entre este e o texto.

Partindo da afirmação de Iser (1999, p. 106) de que o texto é um sistema de representações que sofre a intervenção do leitor, para atualizar os dados que lê, indaga-se se, no suporte da tela do computador e no formato hipertexto, essa intervenção seria condição para a recepção estética. E mais, se a não linearidade do hipertexto e a confluência de linguagens intensificariam a atividade participativa do leitor, ao conectar os objetivos de leitura por ele traçados e os nós³ que sustentam os sentidos do texto.

No conjunto das discussões sobre o hipertexto, encontra-se o conceito de hipertexto ligado a uma nova concepção de textualidade, em que os textos dispostos de forma não linear em ambientes virtuais por meio da hibridização das linguagens (verbal, visual, sonora e cinética), possibilitam ao leitor a construção de sentidos, mesclando palavras, imagens, sons e movimentos em um mesmo espaço linguístico. Isto implica em uma

³ Na concepção de Pierre Lévy, em *O que é virtual?* (1996), um hipertexto é constituído de nós que podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras, documentos complexos, etc.

textualidade que funciona por associações, em que “o texto não sendo mais apresentado como um ‘todo’ que tem começo, meio e fim, exige que o leitor, durante sua leitura, explore o conjunto de opções disponibilizadas pelos *links* e construa uma conexão coerente entre elas” (BRAGA, 2010, p. 183). Nesse sentido, o hipertexto é compreendido como uma “forma dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2010, p. 208).

Para compreender de que se compõe o hipertexto relacionado à virtualidade encontramos em Lévy algumas definições para quem “o hipertexto é talvez uma metáfora válida para todas as esferas da realidade em que significações estejam em jogo (LÉVY, 1995, p.26). Como forma de preservar as possibilidades de múltiplas interpretações do modelo do hipertexto, o autor propõe caracterizá-lo através de seis princípios abstratos:

1. *Princípio de metamorfose.* A rede hipertextual encontra-se em constante construção e renegociação. Sua extensão, composição e desenho estão sempre em mutação, conforme o trabalho dos atores envolvidos, sejam eles humanos, palavras, sons, imagens, etc.
2. *Princípio de heterogeneidade.* Os nós de uma rede hipertextual são heterogêneos. Podem ser compostos de imagens, sons, palavras.
3. *Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas.* O hipertexto é fractal, ou seja, qualquer nó ou conexão, quando acessado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede de nós e conexões, e assim, indefinidamente.
4. *Princípio de exterioridade.* A rede não possui unidade orgânica, nem motor interno. Seu crescimento e diminuição, composição e recomposição dependem de um exterior indeterminado, como adição de novos elementos, conexões com outras redes, etc.
5. *Princípio de topologia.* No hipertexto, tudo funciona por proximidade e vizinhança. O curso dos acontecimentos é uma questão de topologia, de caminhos. A rede não está no espaço, ela é o espaço.
6. *Princípio de mobilidade dos centros.* A rede possui não um, mas diversos centros, que são perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, rizomas, perfazendo mapas e desenhando adiante outras paisagens. (LÉVY, 1995, p. 26).

As novas materialidades que suportam a escrita do texto permitem a estruturação do hipertexto em fluxo não linear de unidades ou módulos de informação, consistindo em partes ou fragmentos de textos. Conforme Santaella (2004, p. 47-53), os tijolos básicos de construção do hipertexto são os nós de informação e os nexos associativos. Os nós de informação podem aparecer na forma de textos, gráficos, sequências de vídeos ou áudios, janelas ou misturas entre eles. Dependendo de sua funcionalidade no contexto maior de que faz parte, um nó pode ser um capítulo, uma seção, uma tabela, uma nota de rodapé, uma coreografia imagética, um vídeo, ou qualquer outra subestrutura do documento.

Os nexos associativos, por sua vez, representam o sistema próprio de conexão da hipermídia. Do mesmo modo que os conectores gramaticais dão coesão a um discurso verbal, os nexos ou conexões de um hipertexto conectam um nó a outro de acordo com algum desenho lógico, seja este analógico, arbóreo, em rede etc. Essas conexões, no dizer de Santaella, geralmente ativadas por meio de um *mouse*, permitem ao leitor da hipermídia mover-se através de um documento, descobrindo e seguindo pistas que são deixadas em cada nó, bastando um *click* para o leitor saltar de um nó para outro. Para Santaella, quanto mais rico e coerente for o desenho da estrutura do hipertexto, mais opções ficam abertas a cada leitor na criação de um percurso que reflete a sua própria rede cognitiva.

A compreensão, contudo, dessa arquitetura não linear de nós e conexões somente é possível se, paralelamente, for compreendida a hipermídia como linguagem híbrida, prototípica do mundo digital, sem a qual não seria possível a “integração sem suturas de dados, textos, imagens de todas as espécies e sons dentro de um único ambiente de informação digital”. (FELDMAN, 1995 apud SANTAELLA, 2004, p. 48).

Assim, é a linguagem híbrida que estrutura o hipertexto num ambiente cibernético: o ciberespaço, cuja existência depende do leitor/navegador. Na definição de Piere Lévy, “o ciberespaço é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (1999, p. 92). Para esclarecer esse conceito, toma-se a definição de Santaella para quem o ciberespaço é considerado como:

Todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação. Assim sendo, o ciberespaço é o espaço que se abre quando o usuário conecta-se com a rede. [...]. É um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis. Um mundo virtual da comunicação informática (2004, p. 45-6).

Como espaço de criação do hipertexto, o ciberespaço solicita a ação do leitor/navegador através da interatividade⁴ para a comunicação nesse ambiente informacional. Contudo, “é a interatividade informática que produz o hipertexto hipermediático [...] nos nexos, nós e redes multilíneas que vão sendo geradas pelas escolhas de leitura do cibernauta” (SANTAELLA, 2004, p. 164). Nesse sentido, “o hipertexto apresenta-se como um espaço semântico a explorar ou a construir pela intervenção construtiva e/ou exploratória de quem desejar se aventurar pelos seus labirintos”, cuja constituição nunca se apresentará como pronta e acabada (XAVIER, 2009, p. 123). Ao contrário, será um novo e outro hiper(texto) a cada novo acesso que receber do hiperleitor ou de outros hiperleitores.

O ciberespaço, como ambiente de estruturação do texto digital, confere uma redefinição dos papéis do autor e do leitor, estabelecendo novas estratégias para a relação texto/ leitor. No espaço digital:

O texto agora se dá a ler em um meio que é também o meio em que se escreve e, muitas vezes, no qual também se publica, agenciando um processo de reciclagem do conhecimento em uma escala sem precedentes, confundindo as práticas da escritura e da leitura. O texto se transmite em um fluxo de dados contínuo e que demanda pensar um contexto de leitura líquida que não responde ao desenho retangular da janela do monitor nem ao enquadramento da página (SANTAELLA, 2003, p. 18).

Nesse contexto, são redefinidos não apenas as concepções

⁴ No que se refere ao conceito de interatividade aplicado a ambientes mediados por computador, este trabalho explora a ideia de interatividade que nasce no conceito de *participação*, inserindo aquele sujeito antes contemplativo numa possibilidade de atuação. Nesse sentido, os termos “interatividade” e “interação” são considerados, aqui, como semanticamente equivalentes pelo fato de ambos compreenderem os processos intersubjetivos que ocorrem na recepção/produção da obra de arte midiática.

de texto e os papéis do autor, mas também as experiências de leitura que se abrem com a digitalização e suas potencialidades. Mas o que de fato muda na interação do leitor com o potencial dialógico da hipermídia? Tais mudanças estão relacionadas ao suporte do livro e à sua nova estrutura ou à leitura nesse novo suporte?

No caso do hipertexto – que se estrutura pela *linkagem* do leitor, livre para estabelecer a sua ordem textual – a experiência de leitura se dá em trânsito com a experiência da escrita do leitor que vai unindo nós de naturezas diversas e transformando imagens e sons em dados de escrita, num espaço que oportuniza juntar “técnicas, posturas, possibilidades que, na longa história da transmissão do escrito, permaneciam separadas” (CHARTIER, 1999, p. 16). Nesse espaço de escrita e leitura, “leitor e autor/escritor cruzam-se *on-line*, participando da edição que leem e escrevem, utilizando uma linguagem multissemiótica” (COSTA, 2000, p. 103).

Desse modo, mais do que uma nova materialidade, o texto no suporte eletrônico possui uma nova textualidade capaz de transformar a experiência da sua leitura. Antonio Carlos Xavier (2009) vê o hipertexto e sua textualidade como uma nova tecnologia enunciativa que, por sua vez, faz nascer um modo de enunciação digital com sua respectiva linguagem digital. Esta coloca à disposição do usuário os modos enunciativos verbal, visual e sonoro. Todavia, a “coocorrência simultânea desses modos enunciativos não gera concorrência entre eles, antes instaura o processamento de uma abordagem leitora multisensorial que se vale de todas as formas de enunciação disponibilizadas pela hipermídia” (XAVIER, 2009, p. 18). Para o autor, a interseção entre as linguagens visual, verbal, sonora e cinética acarreta um considerável aumento na carga cognitiva a ser processada pelo hiperleitor, pois todas elas deverão ser, simultaneamente, apreendidas durante o processamento da hiperleitura. Segundo o autor:

Ao amalgamar essa multiplicidade de recursos semióticos, preservando, isonomicamente, o valor sígnico de cada um deles para a construção geral do sentido, a linguagem digital efetuada no hipertexto tende a produzir, em seus hiperleitores, percepções sensoriais jamais experienciadas utilizando qualquer outra linguagem analógica (2009, p. 127).

Na perspectiva multissêmica do meio digital, o leitor é chamado a habitar distintos espaços de significação, o que lhe faculta desenvolver estratégias de escrita e de leitura que não são apenas verbais, mas gestuais, ou melhor, corporais, uma vez que os novos modos de acessar e ler os textos permitem constituir relações não apenas com o verbal, mas com sons, imagens, animações, vídeos etc. Como, porém, estabelecer unidade nesse universo de conexões? Nesse sentido, discute-se sobre o perfil do leitor do novo modo de enunciação, o digital.

2 Hipertexto e o perfil do leitor

A discussão sobre o leitor da cultura digital e a caracterização do seu perfil implica buscar a definição da cultura digital, cuja tarefa exige o retorno histórico às culturas que a precederam. A fim de compreender essas passagens de uma cultura a outra, Lúcia Santaella (2003, p. 13) utiliza uma divisão de seis eras (ou formações) culturais: a cultura oral, a escrita, a impressa, a de massas, a das mídias e a cultura digital.

Cada uma dessas formações possui suas originalidades, que as diferenciam sem que uma cultura exclua a outra. “Ao contrário, há sempre um processo cumulativo de complexificação: uma nova formação cumulativa e cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamentos e refuncionalizações” (SANTAELLA, 2003, p. 13). Por exemplo:

A cultura impressa não nasceu diretamente da cultura oral. Foi antecedida por uma rica cultura da escrita não alfabética. A memória dessas escrituras trouxe grandes contribuições para a visualidade da arte moderna. Ela sobrevive na imaginação visual da profusão dos tipos gráficos hoje existentes. Sobrevive ainda nos processos diagramáticos do jornal, na visualidade da poesia, no *design* atual de páginas da *web* (SANTAELLA, 2003, p. 14).

Cabe esclarecer que os significados correntes de cultura derivam das concepções humanista, universal e antropológica, relativista. A primeira, com sentido estrito, separa e avalia certos segmentos das atividades humanas em culturais e não culturais, à luz de valores universais. Acentua um conceito ético e espiritu-

*Texto, leitura e leitor
no meio digital: novos
letramentos*

*Text, reading and
reader in the digital
environment: new
literacies*

al, expressando um ideal de perfeição humana. A segunda, com sentido lato, concebe a cultura, por natureza, plural e relativista. Sendo o mundo dividido em diversas culturas, cada uma delas é valiosa em si mesma. Acentua, portanto, as diferenças nos modos pelos quais o ser humano encontra significado e valor na sua vida (SANTAELLA, 2003, p. 34). “Embora essa distinção esteja na base de qualquer compreensão da cultura, não é dela que advém as maiores dificuldades para se entender a rede hipercomplexa de interconexões que se caracteriza a cultura no mundo de hoje” (SANTAELLA, 2003, p. 51).

Não se pretende, aqui, discutir cada uma das culturas utilizadas na divisão de Santaella para contextualizar a cibercultura, e sim compreender e caracterizar a cultura digital. Isso obriga fazer referências à cultura de massas e, principalmente, à cultura das mídias, pois o “reconhecimento da cultura das mídias é substancial para compreender a própria cibercultura,” o que, por sua vez, encaminha para o delineamento do perfil do leitor da era digital (SANTAELLA, 2003, p. 14).

De acordo com Santaella, “o advento da cultura de massas, a partir da explosão dos meios de reprodução técnico-industriais – jornal, foto, cinema –, seguido da onipresença dos meios eletrônicos de difusão – rádio e televisão –, gerou um impacto na tradicional divisão da cultura que marcou as sociedades ocidentais até meados do século XIX: de um lado, a cultura erudita das elites e, de outro, a cultura popular, produzida no meio das classes dominadas (2003, p. 52). Conforme a autora:

Ao absorver e digerir, dentro de si, essas duas formas de cultura, a cultura de massas tende a dissolver a polaridade entre o popular e o erudito, anulando suas fronteiras. Disso resultam cruzamentos culturais em que o tradicional e o moderno, o artesanal e o industrial mesclam-se em tecidos híbridos e voláteis próprios das culturas urbanas (2003, p. 52).

Nesse cenário, tornou-se ainda mais difícil estabelecer as distinções entre o popular, o erudito e o massivo. Tal dificuldade atingiu seu clímax a partir dos anos 80, com o surgimento da cultura das mídias, possibilitada pelas tecnologias do disponível e do descartável: “fotocopiadoras, videocassetes, videoclips, video-

jogos, o controle remoto, seguido pela indústria dos CDs e a TV a cabo” (SANTAELLA, 2003, p. 52).

Como resultado dessas tecnologias, com seus equipamentos e linguagens, tem-se uma mudança nas formas de consumo, do massivo, próprio da cultura de massas – conforme Santaella, essencialmente produzida por poucos e consumida por uma massa que não têm poder para interferir nos produtos simbólicos que consomem –, para o individualizado. Essa mudança foi inaugurada pela dinâmica da cultura das mídias, que, “tecendo-se e se alastrando nas relações das mídias entre si, começa a possibilitar aos seus consumidores a escolha entre produtos simbólicos alternativos” (SANTAELLA, 2003, p. 52-3).

De acordo com a autora, os processos comunicativos acima mencionados são constitutivos da cultura das mídias. Nas suas palavras:

Foram eles que nos arrancaram da inércia da recepção de mensagens impostas de fora e nos treinaram para a busca da informação e do entretenimento que desejamos encontrar. Por isso mesmo, foram esses meios e os processos de recepção que eles engendram que prepararam a sensibilidade dos usuários para a chegada dos meios digitais, cuja marca principal está na busca dispersa alinear, fragmentada, mas certamente uma busca individualizada da mensagem e da informação (2003, p. 16).

Como se vê, as novas formas socioculturais designadas de cultura digital ou cibercultura não surgiram diretamente da cultura de massas, como defendem hoje alguns estudos. Entre esta e a digital encontra-se a cultura das mídias que, de certa forma, contextualizou a emergência da cibercultura. No dizer de Santaella, “é a convergência das mídias na coexistência com a cultura de massas e a cultura das mídias que tem possibilitado a produção e circulação da informação nos nossos dias, que é uma das marcas registradas da cultura digital” (2003, p. 17).

Com base nos cenários descritos acima, os quais contextualizam o surgimento da cibercultura e ajudam a compreender a origem do novo tipo de leitor, é que se passa a refletir sobre o perfil do leitor que navega pelas configurações hipermediáticas, na tentativa de caracterizá-lo. “Do mesmo modo que o contexto

semiótico do código escrito foi historicamente modificando-se, mesclando-se com outros processos de signos, com outros suportes e circunstâncias distintas do livro, o ato de ler foi também se expandindo para outras situações”, e, conseqüentemente, novos perfis de leitores foram sendo delineados (SANTAELLA, 2004, p. 17). De acordo com Santaella, fora e além do livro, há uma multiplicidade de tipos de leitores:

Há o leitor da imagem, no desenho, pintura, gravura, fotografia. Há o leitor de jornais, de revistas. Há o leitor de gráficos, mapas, sistemas de anotações. Há o leitor da cidade, da miríade de signos e de sinais em que se converteu a cidade moderna, floresta de signos de que já falava Baudelaire. Há o leitor-espectador da imagem em movimento, no cinema, televisão e vídeo. A essa multiplicidade, mais recentemente, veio se somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica e o leitor do texto escrito que, do papel, saltou para a superfície das telas eletrônicas. Na mesma linha de continuidade, mas em nível de complexidade ainda maior, hoje, esse leitor das telas eletrônicas está transitando pelas infovias das redes, constituindo-se em um novo tipo de leitor que navega nas arquiteturas líquidas e alineares da hiperfídia no ciberespaço (2004, p. 18).

Dessa multiplicidade de leitores, a autora extrai três tipos principais: o contemplativo, o movente e o virtual. A sua classificação, todavia, não toma por base a distinção entre tipos de linguagens ou processos de signos, tampouco tem como ponto de partida as espécies de suportes ou canais que veiculam as mensagens. O embasamento de sua classificação está nos tipos de habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas que estão envolvidos nos processos e no ato de ler.

O primeiro tipo, contemplativo, meditativo, é o leitor da idade pré-industrial, da era do livro impresso e da imagem fixa. Ao delinear-lo, Santaella volta seu olhar à leitura individual, solitária, pois se trata do leitor que nasce da relação íntima com o livro, configurando a leitura do manuseio, da intimidade, num espaço privado. Essa, por sua vez, consiste na leitura que envolve não apenas a visão e a percepção, mas também inferência, julgamento, memória. O grau de compreensão e de interpretação determina a construção de sentidos, em que a bagagem cultural do leitor permite a intertextualização. O

segundo tipo, movente, fragmentado, é o leitor filho da Revolução Industrial, esta, cúmplice de um leitor fragmentário, capaz de compilar diversas imagens e novas formas de ler. Ligado à nova conduta social de consumo, é o leitor do jornal impresso, da televisão, do cinema; o leitor movente de formas, volumes, movimentos, cores, luzes que se acendem e que se apagam. É o leitor sincronizado à aceleração do mundo. Por fim, o terceiro tipo, imersivo, virtual, é o leitor do século XXI, conhecido pela sua habilidade de ler e de interpretar diferentes signos. Surge da multiplicidade de imagens signas e ambientes virtuais de comunicação imediata. É o leitor que coloca em ação habilidades de leitura muito diferentes daquelas empregadas pelo leitor do livro impresso e daquelas empregadas pelo espectador de cinema e televisão, ou, ainda, pelo receptor de imagens. Trata-se do leitor das potencialidades infinitas do ciberespaço.

De acordo com Santaella, embora haja uma sequencialidade histórica no aparecimento de cada um desses três tipos de leitores – o que resulta no emprego de habilidades perceptivas, sensório-motoras e cognitivas distintas –, de modo algum são excludentes; ao contrário, há entre eles uma convivência e reciprocidade. O leitor contemplativo, sem urgências, provido de férteis faculdades imaginativas, aprende a conviver com o leitor movente, leitor de direções, traços, luzes, cores, sincronizado à aceleração do mundo. Esbarrando dentro e fora de casa com signos, aprende a transitar entre linguagens, passando dos objetos aos signos, da imagem ao verbo, do som à imagem. Esse leitor movente, fragmentado, mergulhado num espaço de aceleração da percepção, do ritmo da atenção, é que preparou a sensibilidade perceptiva humana para o surgimento do leitor imersivo, que navega entre nós e conexões alineares pelas arquiteturas líquidas dos espaços virtuais.

É certo que entre esses três tipos de leitores existem graus de coexistências e continuidades, traços de semelhanças, mas de acordo com Santaella:

Essas semelhanças não podem nos levar a menosprezar o fato de que se trata de um modo inteiramente novo de ler, distinto não só do leitor contemplativo da linguagem impressa, mas também do leitor movente, pois não se trata mais de um leitor que tropeça, esbarra em signos físicos, materiais, como é o caso

*Texto, leitura e leitor
no meio digital: novos
letramentos*

*Text, reading and
reader in the digital
environment: new
literacies*

125

desse segundo tipo de leitor, mas de um leitor que navega numa tela, programando leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles. Não é mais tampouco um leitor contemplativo que segue as sequências de um texto, virando páginas, manuseando volumes, percorrendo com passos lentos a biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentos, músicas, vídeo etc. Trata-se, na verdade, de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão (SANTAELLA, 2004, p. 33).

126

O perfil que caracteriza o leitor que veio se delineando pelos processos de navegação no ciberespaço, conforme aponta Lúcia Santaella na sua classificação de eras culturais, foi sendo preparado, principalmente, pelo leitor das telas eletrônicas da cultura das mídias, que, com isso, ganhou habilidade para a relação interativa que lhe é facultada a estabelecer com o texto híbrido, o qual, na cultura digital, ele próprio ajuda a construir.

Diante disso, o perfil do leitor da enunciação digital, como define Xavier, ou imersivo, virtual, como denomina Santaella, é o de um leitor a quem não bastam percepções e inferências mentais. Estas precisam ser acompanhadas de movimentações físicas do leitor no ambiente hipermediático, por meio de toques no teclado e de cliques no *mouse*, para que o trânsito informacional se efetue. Mais do que reconhecer o ambiente, o leitor, para Santaella, deve saber explorá-lo, aprender a encontrar caminhos nessa floresta de signos e rotas. O meio para isso, por enquanto, é o *mouse*. É a mira do *mouse* nos pontos da tela que permite o tráfego de uma informação a outra na tela, significando não apenas o movimento físico e mental do leitor no ambiente, mas, sobretudo, o agir sobre ele. Esse movimento, por sua vez, leva o leitor a estruturar, no meio da profusão híbrida de signos que povoam as telas, o seu percurso de leitura. Nessa profusão, múltiplos caminhos podem ser percorridos, desde que o leitor selecione o que lhe interessa e determine quão longe quer chegar dentro de cada assunto. É, portanto, a navegação que responde às suas escolhas. “Mas qual é

o equipamento cognitivo que o leitor precisa ter para navegar?”. Na resposta a sua própria pergunta, Santaella diz:

Certamente, antes de tudo, uma boa competência semiótica. Isso implica alfabetização na linguagem da hipermídia que permite ler a versatilidade das interfaces povoadas de diferentes signos para compreender suas negociações interativas. Da competência semiótica resultam, tanto a prontidão perceptiva, quanto a agilidade das inferências mentais, grande parte delas abduativas, quer dizer, baseadas na arte da adivinhação, mas também indutivas, baseadas na habilidade de seguir pistas, e mesmo dedutivas, baseadas na capacidade de prever(2004, p. 145).

*Texto, leitura e leitor
no meio digital: novos
letramentos*

*Text, reading and
reader in the digital
environment: new
literacies*

Cria-se, portanto, um novo modo de ler, resultante dessa competência semiótica, prontidão perceptiva e agilidade nas inferências mentais, acompanhadas de movimentações físicas exigidas do leitor no ambiente hipermidiático. “A leitura orientada hipermidiaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis” (SANTAELLA, 2004, p. 175). Assim, a mensagem da leitura somente vai se escrevendo com a participação ativa e interativa do leitor, por uma interação cuja base está localizada não apenas na exploração sensório-motora do ambiente, conforme defende Santaella, mas também na compreensão e avaliação semiótica do conteúdo informacional e conceitual desse ambiente. Por isso, para autora, “quando se navega no ciberespaço, por fora, o corpo parece imóvel, mas por dentro, uma orquestra inteira está tocando, cujos instrumentos não são apenas mentais, mas ao mesmo tempo, numa coordenação inconsútil, perceptivos, sensórios e mentais” (SANTAELLA, 2004, p. 145).

De qualquer modo, parece confirmar-se como especificidade do leitor no contexto comunicacional da hipermídia a sua capacidade de ler, escutar e olhar ao mesmo tempo.

Disso decorre não só desenvolver novos modos de olhar, não mais olhar de maneira exclusivamente ótica, como também ler de uma maneira nova e aprender cada vez com mais velocidade, saltando de um ponto a outro da informação, formando combinatórias instáveis e

fugazes. Enfim, mesmo quando está diante dos espaços representacionais da tela de um monitor, o infonauta já saltou para dentro da cena, é ele que confere dinamismo a esses espaços, tendo se transformado em elemento constitutivo de um ambiente cujas coordenadas infinitas só se limitam pela interface que ele atualiza no ato da navegação (SANTAELLA, 2004, p. 182).

Diante disso, o perfil do leitor, delineado na cultura digital, responde às mudanças trazidas pela força das novas tecnologias da informação e comunicação. Nesse contexto, outras e novas habilidades lhe são exigidas, para não apenas ler no ambiente da tela, mas também interagir com esse ambiente, o que significa desenvolver, além de novas habilidades perceptivas, criativas e cognitivas, habilidades sensório-motoras para movimentar-se fisicamente no ato da leitura.

Considerações finais

A leitura fora do livro impresso, em diferentes textualidades, embora solicite do leitor outras e novas habilidades e formas de ler, não coloca – nem colocará – em questão o domínio dessa atividade. Ao contrário, acentua a sua necessidade, pois conectar-se a – e transitar através da – imaterialidade das informações híbridas do ciberespaço depende de tal domínio. De acordo com Regina Zilberman,

A leitura sempre depende do olhar de um leitor. Por essa razão, a leitura de textos transmitidos por meio digital guarda ainda parentesco com o procedimento inaugurado há alguns milênios pelos sumérios. Ou seja: mesmo no seu formato inovador e instigante, os jornais *online* não escapam à confusão da unidade própria à leitura, reiterando sua natureza, por mais distintas que sejam ou tenham sido as práticas de ler. Pressupõe-se, pois, que a leitura não corre riscos, quando se transporta a escrita do papel para o meio digital. (2015)

Como complementa a autora, “ao contrário, ela sai fortalecida por dispor de mais um espaço de difusão. Quanto mais se expandir o uso da escrita por intermédio do meio digital, tanto mais a leitura contribuirá para a consolidação do instrumento, a competência de seus usuários e o aumento do seu público”

(2015). Disso resulta que o acesso à realidade virtual depende do domínio da leitura em cuja base se encontra o desenvolvimento de habilidades que configuram novos letramentos, do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem e dos gêneros textuais, uma vez que se integram, no ato da leitura, mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio e a participação/interação do leitor (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Compreende-se, assim, que não há novas razões para a leitura do texto *on line*, e sim novas possibilidades de ler, as quais enfatizam as referências comuns entre a hipertextualidade digital e a intertextualidade literária. O suporte digital que materializa essas novas possibilidades não chega, então, a ameaçar a leitura. Ao contrário, esta se diversifica, transforma-se, levando o leitor a outras e a novas vivências estéticas. Essa dinâmica, contudo, implica novos letramentos literários e, conseqüentemente, o exercício de um novo modo de interação com o texto, pois, ao articular, simultaneamente, diferentes linguagens, este expande a liberdade para novos usos da linguagem verbal.

ABSTRACT: With the emerging of new stands and structures for the written text, the book and literature researchers have been busy discussing the implications of these changes for the reading act. In Roger Chartier's conception, reading is always appropriation, invention, production of meanings, so that all the reading history supposes reader's freedom: it is the reader who moves and subverts what the book intends to impose to him. (1999). The study interrogates whether the new materiality of the digital text that presupposes new esthetics and cognitive relations with the textual universe modifies the reading conception presented by Chartier. Analysis seeks to study the text structure (hypertext) in the screen support and the implications of its reading, in an attempt, not to answer, but maybe to clarify this question.

Keywords: Hypertext. Text. Reading. Reader.

Texto, leitura e leitor
no meio digital: novos
letramentos

Text, reading and
reader in the digital
environment: new
literacies

Referências

BRAGA, D. B. A comunicação interativa em ambiente hiper-mídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

BUTLEN, Max. El hipertexto y la investigación en lectura y literatura. In: RÖSING, Tânia, M., K.; RETTENMAIER, Miguel (Org.). *Biblioteca, lectura y multimedia*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2010.

Jeda Márcia Donati
Link

Odete Teresa Sutili
Capelesso

130

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.

COSTA, S. R. *Oralidade e escrita e novos gêneros (hiper) textuais na internet*. Campinas: UNICAMP/FE, 2000.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: XAVIER, Antônio C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

XAVIER, Antônio Carlos. *A era do hipertexto: linguagem & tecnologia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

_____. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

ZILBERMAN, Regina. *Das entrelinhas do texto ao hipertexto online*. *Folha Proler* – Publicação do Programa Nacional de Incentivo à leitura. Rio de Janeiro, ano 10, n. 28. Disponível em: <<http://www.bn.br/proler/images/PDF/folhaproler28.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

Texto, leitura e leitor
no meio digital: novos
letramentos

Text, reading and
reader in the digital
environment: new
literacies
